

# *Canto Seco*

*(peça em 3 quadros)*

de Gil Vicente Tavares

PERSONAGENS:

ZÉ  
TONHA  
HOMEM

*“Ora, nesse catar feijão entra um risco:  
o de que entre os grãos pesados entre  
um grão qualquer, pedra ou indigesto,  
um grão imastigável, de quebrar dente.  
Certo não, quando ao catar palavras:  
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:  
obstrui a leitura fluviente, flutual,  
açula a atenção, isca-a com o risco.”  
(João Cabral de M. Neto, *Catar Feijão*)*

## ATO ÚNICO

### QUADRO I

*(Casa pobre à esquerda do palco. Ambiente bastante seco, árido. ZÉ e TONHA já se encontram em cena, no black, com jarros na mão. Luz.)*

ZÉ

Larga o seu primêro, Tonha. Num tem corage?

TONHA

E vô tê medo de quê, Zé? A mãe deve de tá drumino.

ZÉ

É, mas isprito do pai vorta e briga...

TONHA

Briga? Briga não, nós num tem curpa de num tê achado água...

ZÉ

Mãe deve de tá cum sede!

TONHA

Isprito do pai briga nada...

*Pausa.*

ZÉ

Ói? Você ouviu? É agôro de pássaro. Deve de tá triste também...

TONHA

Que nada. Se quisé ele voa prôto canto.

*Pausa.*

ZÉ

Nós num tem mais força, né Tonha?

TONHA

Mais força que a mãe nós tem.

*Pausa.*

ZÉ

Ouviu de novo?

TONHA

Tu tá é variano, Zé. Leva os pote lá pa dentro.

ZÉ

E s'eu acordá a mãe?

TONHA

Mãe qué acordá nada! (ZÉ *entra com os potes enquanto TONHA fica cavando a terra*).  
Botô onde? Num desarruma a casa não que mãe reta, viu!

ZÉ (*Voltando*)

Tá fazendo o quê? Ê terra seca, né!? Parece a farinha da mãe. (*Pausa*). Eu quiria ir na cidade. (*Senta ao lado de TONHA*).

TONHA

Pra quê? Tu nunca foi lá.

ZÉ

Purisso mermo.

TONHA

Tu já foi no céu?

ZÉ

Não!?

TONHA

Tu qué ir pra lá? (ZÉ *se levanta*). Parece a farinha da mãe. Tá cum fômi? A cidade deve sê bunita. A mãe disse que tem um monte de bicho pela rua...

ZÉ

Tudo vivo?

TONHA

É, Zé! (*Pausa*). Sabe a carcaça do jegue? Nem urubu vem mais. Tô cuns ombro me dueno.

ZÉ

Tá cum fômi? Tinha urubu no riacho, antes de pai morrer. Tu viu os urubu na cruz do pai?

TONHA

Deus benza. É só rezá. Deve de ser agôro de pássaro. (*Bate na boca*). Ôxi, tô ficando iguar você. Deus benza.

ZÉ

Tu já viu Deus? (TONHA *o olha desconfiadamente*). Bença só dá quem tem mão.

TONHA

Isprito do pai é diferente...

ZÉ

Tu pede bença a ele?! Mãe num gosta, cê sabe! (*Pausa*). Os pote já tá rachando de seco. Pai morreu tem tempo, né?

TONHA

Lembro não. Tu acendeu as vela que eu pedi ônti? Qué que tenha água não?!

ZÉ

Nem santo... (*Pausa*). Deve ser agôro de pássaro. Ônti me cortei em tiririca. Será que sara? Meu joelho parece que tá pôdi. Sangrô pôco, mas ficou logo preto. Deu bicho e tudo. Lembra do jegue? O jegue era do pai. Pai morreu junto e dexô nós só. Mãe dorme sempre. Tem que enterrá o jegue pra morrer de vez. Vira isprito ruim, a mãe falou. Tu já viu isprito do pai?

TONHA

Ôxi, Zé.

ZÉ

Tu num pede bença a ele? Eu que tô variano...

TONHA

Pai que ia na cidade. Trouxe santo de mãe e badogue procê. Me arlembro que mãe deu bronca que ele me deu essa correntinha...(*Mostra corrente com crucifixo, que não existe*).

ZÉ

Ôxi, Tonha, aí num tem crucifixo nenhum, tu deve de ter perdido. Si abaxô no riacho...

TONHA(*interrompendo*)

Foi pai que levô. Isprito do pai aparece quando tem água.

ZÉ

Tu já viu?

TONHA

Tu lembra do pai?

*Pausa.*

ZÉ

Não.

TONHA

Nem eu. (*Pausa*). Vou acendê as vela.

ZÉ

Tu espera o quê?

TONHA

Guardô as vela aonde? Vou contá as moeda de mãe. Acho que as vela acabô. Quem que compra?

ZÉ

Eu num posso...

TONHA

Tu num disse que queria conhecer a cidade?

ZÉ

Vô lá não. Pai disse que é ruim...

TONHA

Tu tá é com medo...

ZÉ

Tu ouviu o pássaro? Só doido que vai... deve de sê agôro.

TONHA

Si quisé ele voa prôto canto. Nóis que num pode. *(Pausa)*.

ZÉ

Mãe tá véa...

TONHA

Pega os pote.

ZÉ

E já deu tempo...? Nóis largô os pote agora.

TONHA

Acende as vela e umbora vê o pai...

ZÉ

Mãe num gosta...

TONHA

Mãe deve de tá drumino.

ZÉ

Vô pegá os pote.

*Pausa. ZÉ entra. TONHA começa a cavar, mexer na terra.*

TONHA

Zé!

ZÉ(*de dentro*)  
É o que, Tonha?

TONHA  
Chega aqui.

ZÉ  
Que foi?

TONHA  
Tu ajuda a achar minha corrente?

ZÉ  
Tu num disse que pai levou?

TONHA  
E si pai botô no jegue? Isprito do jegue num discansô. Pai gostava dele.

ZÉ  
Os urubu já deve de ter comido até o isprito do jegue...

TONHA  
Ôxi, Zé. Dêxa de falá bobage. Deus benza.

*Pausa.*

ZÉ  
E Deus vai ficar nessa seca nada.

TONHA  
E deus esquece assim da gente, é!? Mãe disse que santo nenhum larga da gente. É Deus que vai larga, é?!

ZÉ  
Será que foi as vela?

TONHA  
Vai na cidade, Zé.

ZÉ  
Pai num ia gostá.

TONHA  
Pai morreu, Zé.

ZÉ  
E o isprito!? Sô besta não...

TONHA

Pai qué vê a gente bem...

ZÉ

Pai é Deus, é?

*Pausa.*

TONHA

Cadê os pote, Zé?

ZÉ

Tudo seco, vai rachá. A puêra tá rachando a gente também... já viu meus pé?

TONHA

O joelho sarô?

ZÉ

Ôxi, tá é coçano. (*Pausa*). Urubu canta, Tonha?

TONHA

Sei lá!

ZÉ

Eles deve de tá vortano. (*Pausa*). Será que vem pra busca nós? Tu tem medo?

TONHA

Puêra quando levanta né só bicho não.

ZÉ

E gente vem pra cá!? Mãe num foge cum nós porque já tá véa. Mãe nem chora mais. (*Pausa*). Tu qué farinha? Vô contá as moeda da mãe. Acho que a farinha acabô.

TONHA

Tô cum fômi não. As vela é que faz farta. (*Pausa*). Tu ainda anda com esse joelho, Zé?

ZÉ

E como é que sara? Deu nem pra lavá.

TONHA

Se apodrece cai. Os bicho deve tá é te cumeno por dentro. Que nem cum jegue.

ZÉ

Ôxi, Tonha. Os bicho morre de fômi. Num tem nem mais carne pra cumê...

TONHA

Tu tá mermo muito seco. Também, num come.

*Pausa.*

ZÉ

Tu já viu os santo da mãe como é bunito? Mãe disse que se nós comesse direito ficava tudo iguar a eles. Umas cara gorda, né Tonha...

TONHA

Pai até que tinha cara assim, e mãe também. Tu viu na foto?

ZÉ

Ôxi, as traça já cumeu tudo. Só sobrô os zói de mãe. Ficô de cara triste...

TONHA

E só os zói dá pra vê tristeza?

ZÉ

Sei lá, mãe nunca chorô... (*Pausa*).

TONHA

Tu já viu choro, Zé? Diz que parece água do riacho...

ZÉ

O jegue chorô, quando morreu... caia as gota e os urubu já tava cumeno ele. Num sei se era dô ou tristeza. Pai morreu primêro... as perna do bicho nem batia mais. Acho que o bichinho respirou até os urubu cumê o nariz dele.

TONHA

Deve de ter doido...

ZÉ

Tu não viu foi a tiririca... catei mais três bicho hoje de manhã...

TONHA

Tu tem corage de cumê?

ZÉ

O nariz ou os bicho?

TONHA

Sei lá! Tu num tem nojo não?

ZÉ

Pai morreu antes, bicho foi junto.

TONHA

Mãe disse que gente quando morre num leva tristeza junto. Acho que pai dexô pro bicho. Jegue deitô pra num levantá mais. Morreu de seco... tu num tem nojo não?



ZÉ

Já matei foi dois urubu cum badogue. Teve um que morreu do lado do jegue. Acho que eles morrêro se oiano. Os zói dos dois tava frio...

TONHA

Frio como, Zé?

ZÉ

Sei lá, chega me deu um arrupeio. Parecia que era os zói de pai. Os da mãe eu só lembrava na foto. E ói que era assim, paradão, que nem os ôtro. Uma frieza de de noite. Sabe aqueles arrupeio que chega nós se abraça? (*Pausa*).

TONHA

A puêra tá estranha...

ZÉ

Num disse!? Deve ser arguem. E se fô o pai?

TONHA

Pai morreu, Zé.

ZÉ

Mãe disse que pai ia vortá. Que eu ia ver pai de novo.

TONHA

Só se fô no céu. Ou senão vê o isprito. Tu disse que tem medo...

ZÉ

Tenho medo não, se fô isprito do pai... mãe disse que pai era santo...

TONHA

Num tem medo o quê, Zé!? Tu se caga todo de ôvi os pássaro cantano. Num gosta de ir na cruz do pai. Tu tem medo até de sombra.

ZÉ

Tenho mermo. Mãe disse que foi isprito ruim que levou o pai. Que pai num fez nada. Pai era homem santo, Tonha. A mãe que dizia. Tu se lembra do pai?

TONHA

Não.

*Pausa.*

ZÉ

Nem eu. (*Pausa*). Tu tá sentindo a friage, Tonha? (*Pausa*). Tu ovuiu agora? Pássaro quando canta é agôro ou aviso. Tá com medo não?

TONHA

Ôxi, e mãe tá aí dentro pra quê?

ZÉ

Mãe tá drumino, Tonha...

TONHA

Fale baixo, então. Se mãe acorda ela reta.

ZÉ

Mãe acorda não... (*Pausa*). Essa pereba me deu moleza. (*Encosta em TONHA*). Ê sono...

TONHA (*empurrando*)

Tu vai drumi pra quê, injura? Quê que eu fique só?

ZÉ

É só cuchilo, Tonha, dêxa de bestage. (*Deita de novo*).

TONHA

Zé, dorme não...

ZÉ (*desfalecendo*)

Me dêxa, Tonha... (*Ouve-se pela primeira vez um canto de pássaro*).

TONHA

Tu ouviu, Zé?

ZÉ

É o quê, Tonha?

TONHA

O canto..?!

ZÉ

Xô drumi, Tonha...

TONHA

É canto de agôro?!

ZÉ

Tu tá é ficano besta! Nesse calô num da pra drumi direito. Só mãe que consegue. (*Pausa. Ouve-se mais uma vez o canto, mais alto*).

TONHA

Ó pra aí, Zé. Acorda abestado! (*Pausa. A luz do ambiente muda discretamente, com súbita ventania*). Que é aquilo ali, Zé. Acorda, diabo! (*Empurra ZÉ fortemente*).

ZÉ (*ainda lerdo do sono, olhando TONHA*)  
Ôxi, deus benza...

TONHA  
Ó ali...

ZÉ  
Ôxi!

## QUADRO II

*Entra o HOMEM, de certa idade, roupas comuns, carregando uma sacola. Traz um leve sorriso.*

HOMEM  
Com licença. (*ZÉ e TONHA se agarram*).

ZÉ  
É o quê, hõmi? (*Se solta de TONHA tentando mostrar coragem e volta*).

HOMEM  
Calma, só tô de passagem. Sua mãe?

TONHA  
Tá lá dentro.

HOMEM  
Seu pai?

ZÉ  
Se fô água, veio na direção errada. A cidade é pra lá...

HOMEM  
Sou um vendedor.

ZÉ  
A sacola é de tralha, é?

TONHA  
Zé!?

HOMEM  
É sim.

ZÉ  
E tu viaja muito per'esse sertão?

HOMEM

Como bom vendedô que sô.

ZÉ

E pra quê veio pará aqui?

HOMEM

Tô vindo da cidade...

ZÉ

Vorta pra lá, ué!

HOMEM

Não dá, já tô indo pra outra...

ZÉ (*encantado e desconfiado ao mesmo tempo*)

Tu já foi ni muita cidade? Mãe disse que dá medo de tanta gente...

HOMEM

A gente se acostuma. Ela está?

TONHA

Mãe tá em casa... (*Aponta pra casa*).

ZÉ

É só entrá.

TONHA (*com ZÉ*)

Vai dexá ele entrá, é?

ZÉ

Vá lá, moço. (*Pra TONHA*). Tá cum medo de perder o quê?

TONHA (*pra ZÉ*)

E si fô ladrão? (*Pro HOMEM*). O sinhô vende o quê?

HOMEM

Eu vendo tudo que um bom homem precisa, que um bom garoto quer e uma boa menina gosta. Nessas andanças acabei descobrindo os desejo de cada um, e botei tudo no saco. Cada viagem era um novo desejo guardado.

ZÉ

E tu mora onde pra viajá tanto?

HOMEM

Num moro não. Vivo de cidade em cidade, comprando, vendendo, enchendo minha sacola.

TONHA  
Posso vê?

HOMEM  
A sacola? Claro! (*Coloca o saco no chão e começa a tirar coisas*). Tem esse espelho aqui...

*Os dois correm pra ver.*

TONHA  
É bunito...

HOMEM  
Bonito e resistente. Só tá meio sujo da viagem.

TONHA (*pegando o espelho e se olhando*)  
Ói, Zé, tô bunita?!

ZÉ *se aproxima tentando pegar o espelho.*

ZÉ  
Cadê!?

TONHA (*empurrando*)  
Pra quê vai vê esse rosto sujo, seco. Tu é feio mermo, Zé...

ZÉ  
Ôxi, Tonha, e precisa falá assim... só queria vê meu rosto... pra vê s'eu pareço cum pai... (*se afasta tristemente*).

TONHA  
Parece não, pai tinha a cara gorda... (*continua se olhando no espelho*).

HOMEM  
Tem também esse porta-retrato. Comprei agora, nessa cidade que'u passei.

TONHA (*pra si*)  
Eu fiquei foi fêa nesse ispêio. (*Puxa o porta-retrato*). Vem, Zé! (*ZÉ, que estava triste, meio afastado pela questão do espelho, se reanima e volta pra perto da irmã*). Umbora ficá assim que nem na foto. (*Sorri. Olha pra ZÉ*). Ri também abestado. É pra fingí que é nós na foto. Finge que é ispêio... (*Os dois se olham e olham pra foto, sorrindo. Concomitantemente, o HOMEM tira algumas peças de roupa, entre elas um paletó e um vestido*).

TONHA  
Dêxa a gente vistí as rôpa, moço?

HOMEM

Só tenha cuidado. É tudo rôpa elegante. *(Eles pegam as roupas alegremente e se vestem)*. Ficou bem em vocês... *(ajuda-os a vestir)*. Vocês tão ótimos. Parecendo gente grande, da cidade. Que nem o casal da foto...

TONHA *(se olhando e olhando ZÉ)*

Ah, num gostei não. Nós num presta pr'essas rôpa. Tira, Zé, qu'eu num gostei não...

ZÉ *(tirando)*

Ôxi, Tonha, é assim, bota e tira, é?!

HOMEM *(mexendo na sacola e fechando algo na mão, enquanto os dois tiram as roupas do vendedor)*

Talvez disso você goste... *(abre a mão e mostra uma corrente com crucifixo)*.

TONHA *(puxando a corrente, avidamente)*

Xô vê!

HOMEM

Calma, calma...

ZÉ

O senhor vende vela, farinha...?

TONHA

Calaboca, Zé! A corrente é quanto?

HOMEM

Ela é cara, de ouro, foi de uma princesa. Uma princesa muito rica e bonita. Bonita assim, como você...

TONHA *(encabulada)*

Ôxi, moço... *(Olha a corrente)*. Ela é linda! Posso botar só um pouquinho..?

HOMEM

Claro. Fique a vontade. *(Ajuda a colocar a corrente)*.

ZÉ

Ói, Tonha, tem um crucifixo...

TONHA *(ignorando ZÉ)*

Vem, vem vê minha mãe... *(Puxa-o pelo braço levando-o pra dentro de casa)*.

ZÉ *(Advertindo, enquanto os dois entram)*

Tonha, pode acordar a mãe... *(Pausa)*. Mãe reta. *(Mexe na sacola)*. Ói, tem um badogue bonito. Deve de ser mió que o meu. *(Pega uma pedra e atira no próprio chão)*. É bom. Assim mato até no céu. Vou vê chuva de verdade, chuva de urubu! *(Ri de felicidade)*.

Tonha! Ói que buniteza... ôxi, Tonha nem responde. Vou ispanotá os urubu todo da cruz de pai. Num vô nem tê medo dos urubu cumê meu joelho. Mato tudo.

*Os dois voltam.*

TONHA

Ele esqueceu a sacola.

ZÉ

Dêxa o badogue aqui, tá bom?

HOMEM

Tudo bem. Você gostou?

ZÉ

Desse aqui, mato até no céu. Era de príncipe esse badogue?

HOMEM

Mais ou menos. Ele é realmente muito bom, mas é caro também. Vai lhe custar muito.

ZÉ

Num custô pro sinhô chegá aqui? Pois intão! É custo pur custo. *(Atira, cai na real, desanimado)*. Mas nós num tem dinheiro não...

TONHA

Tem sim...

ZÉ

É dinheiro de mãe, Tonha!

HOMEM *(pega uma lata vazia na sacola, colocando esta no ombro)*

Tome essa lata.

ZÉ

Ôxi, pra quê, hômi?

HOMEM

Pra você atirar. Vê como ele é bom.

ZÉ

Brigado, moço. *(Vai preparar a lata. TONHA pega o homem pelas mãos)*.

TONHA

Vâmu, vâmu! *(Leva de novo o homem pra dentro)*.

ZÉ

Tonha! A mãe acordou? *(Pausa)*. Ôxi! Tá tão animada que nem ôvi. *(Atira na lata)*. Êta que

faz um zuadêro retado. (*Atira de novo*<sup>1</sup>). A mãe num deve acordar assim não. (*Atira*). É baruio pôco. Mãe tá num sono solto, acorda nada! (*Atira*). Vô rebentá a lata toda. Esbagaçá. (*Atira*). Parece baruio de sino da igreja! Mãe que falô. Iguar panela quando cai, deve até de sê bunito. (*Atira*). Pai quando morreu num teve nem desse nem de ôtro sino. Só os urubu na cruz. (*Atira*). Vô botá mais longe, parecendo os urubu no céu. (*Levanta e coloca a lata mais longe*). Vô vê chuva de verdade! Êta que os urubu se campáru... (*Finge atirar para o alto, em desvario*). É só os urubu caíno. Êta porra! Cada um prum lado! Ê lasquera!

### QUADRO III

(*Entra TONHA sorridente segurando algo ao pescoço*).

ZÉ

Ôxi, Tonha, cadê o hõmi?

TONHA

Saiu pela porta do fundo. Disse que ia siguí viage.

ZÉ

Ôxi, hõmi veio que nem vento.

TONHA

Tá quente, né Zé?!

ZÉ

E isso? (*Aponta para seu pescoço*).

TONHA (*com um sorriso*)

Me dêxa, Zé!

ZÉ

Ele esqueceu o badogue!

TONHA

Dêxa!

ZÉ

Será que eu ainda pego ele?

TONHA

Dêxa pra lá, Zé!

ZÉ

Mas e o badogue?

---

<sup>1</sup> Cada tiro deve ser acompanhado de determinada ação que faça o tempo passar ainda mais. Algo como o preparativo para o tiro e o acerto da lata.



TONHA

Fica com ele, abestado.

ZÉ

Ele disse que era caro, que ia custá muito. E isso no seu pescoço?

TONHA

Cê é besta, Zé!?!

ZÉ (*se aproximando*)

É a corrente, não é?

TONHA

Me dêxa, Zé!

ZÉ

Xô vê! (*Tenta pegá-la*).

TONHA

Sai!

ZÉ (*agarrando-a*)

Larga isso aí! (*Arrancando*). Tu robô, Tonha?!

TONHA

Deus benza, que nós nunca precisô disso, Zé.

ZÉ

Num mete Deus nas suas trapaiada. (*Olhando a corrente*). É a corrente de princesa! O hõmi disse que ia custá muito; mais que o badogue. Tu comprô cum dinheiro de mãe, num foi?

TONHA

Num servia pra nada...

ZÉ

E as vela, comprô?

TONHA

Pra quê?

ZÉ

Pra quê?!

TONHA

É, já tem o crucifixo, num precisa vela não...

ZÉ

Mas e o santo de mãe?

TONHA

Num precisava de vela não. Agora tem o crucifixo, minha correntinha...

ZÉ

Tu tá doida. Comprô a farinha?

TONHA

Tu num ficô com o badogue? Mate seus urubu. Tu num come mermo!

ZÉ

O quê que mãe disse? Acordô?

TONHA

O moço disse que mãe num acorda mais não. Desde muito tempo que ela drumiu. Chega fedeu quando eu cheguei perto. Os zói frio que nem você falou da foto...

ZÉ

Foi da foto não...

*Pausa.*

TONHA

Mãe disse que tirou a foto cum pai na cidade. Ela só foi uma vez. Disse que pai era vendêdo lá. É por isso que trôxe presente. A foto também. Mãe disse que pai era bunito, se vestia muito bem, mas morreu cedo. Pai até tinha dinheiro. Pai comprava coisa pra gente e pra mãe, lembra?! (*Brinca com a corrente*).

ZÉ (*de costas, como que não querendo ouvir a história do pai, atirando no chão com o badogue*)

Tu deu o dinheiro todo?

TONHA

A corrente é linda, não é. Tu gostô?

ZÉ (*se reanimando, olhando o badogue*)

O badogue é retado mermo... se eu atirar nos pote, quebra tudo... os urubu vai saí tudo de meu pai. Tu vai querer matar também?

TONHA

Pega os pote lá dentro, Zé.

ZÉ

Tu ouviu? O pássaro nem tá cantando. Deve de tê água.

TONHA

Pega os pote, Zé. (*Brinca com a corrente*).

ZÉ

Mãe fedeu mermo, Foi? Deve de sê iguar chêro do jegue. Deve de ser farta d'água. Mãe só faz é drumi de sede. Nem santo prela acordá. Se nós trussé água!? Mato os urubu tudo.

TONHA

Pega os pote. (*Continua a brincar*).

ZÉ

O badogue é lindo. Só os urubu que num vai gostá. (*Anda em direção a casa e sente o joelho*). Ai. (*Mexe no joelho, como que catando algo*). Só achei um bicho essa manhã. Tenho medo não. No riacho é cheio dos bicho. O pai deve de tá lá, junto com o jegue, cheio dos bicho, iguar meu joelho. No riacho num fica mais bicho nenhum. Mãe deve de tá fedendo. Vou pegá os pote. (*Se encaminha em direção à casa*).

TONHA (*brincando com a corrente*)

É linda, né Zé?

ZÉ (*parando subitamente*)

Tu ovuiu? O pássaro cantô. Vai acordá a mãe... (*BLACK*).

CAI O PANO

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.